

O que aconteceu a João Ataíde? Af. Confid. (20) 7/4 86

A MULHER do antigo embaixador de Moçambique em Lisboa, **João Ataíde**, viu até agora gorarem-se todas as diligências que fez para obter uma certidão de óbito do marido. De acordo com informações então postas a circular, o antigo embaixador, que desertou do cargo em 1982, para mais tarde se juntar à **Renamo**, teria morrido num acidente de viação (AC, n.º 22, pág. 5) numa estrada do **Malawi**, juntamente com **Mateus Lopes**, em fins de Novembro de 1987.

Nas suas diligências, e à medida que foram crescendo as dificuldades que tem encontrado para obter o documento, **Saquina Ataíde** envolveu já a **Cruz Vermelha Internacional**, a **Cáritas Internacional** e ainda outros canais com acesso directo às autoridades do Malawi, nomeadamente algumas congregações religiosas e embaixadas.

Um fenómeno que geralmente tem acontecido é o de que os **bons ofícios** que tais entidades e canais lhe vão prometendo para resolver o problema, se vão esbatendo sem qualquer explicação. Um dos canais religiosos utilizados por Saquina Ataíde chegou mesmo a mandar-lhe dizer que o caso «**é muito complicado**». Também nunca conseguiu saber onde o marido teria sido sepultado.

Estes factos coincidem com uma

vaga de persistentes **rumores** que nas últimas semanas têm posto em causa a versão segundo a qual João Ataíde e Mateus Lopes teriam morrido. Tais rumores valem sobretudo por circular em **melos moçambicanos** no exterior geralmente bem informados, tendo em conta os seus estreitos contactos com boas fontes no país.

De acordo com tais rumores, a versão do acidente foi apenas uma **cortina de fumo** utilizada para dissimular uma operação montada pelo **SNASP**, com a colaboração da segurança do Malawi, visando o rapto ou mesmo a eliminação de João Ataíde, que se encontrava em trânsito naquele país depois de uma temporada passada nas bases da Renamo em Moçambique.

O carro em que Ataíde e Lopes viajavam, um Peugeot 504, pertencente a um comerciante português no Malawi, **Carlos Moreno**, que entretanto regressou ao seu país, teria ardido depois de colidir com um camião cisterna. Os dois homens teriam morrido **carbonizados**. Fotografias das duas viaturas — o Peugeot, de facto, com sinais de ter ardido — não sugerem que o alegado acidente tenha sido violento, tendo em conta a **pouca monta** dos danos.

As versões na altura conhecidas indicavam que os dois homens teriam

morrido carbonizados — o que só se explicaria, em teoria, se a sua morte tivesse ocorrido como consequência imediata da colisão. Há informações segundo as quais os corpos teriam sido reconhecidos como sendo os dos dois homens. Mas outras informações vão no sentido de que eles se encontravam tão carbonizados que era impossível qualquer reconhecimento expedito.

Uma informação trazida recentemente de Maputo e que tem a sua origem remota num alto funcionário do SNASP, sugere que o acidente foi de facto apenas uma encenação para **despistar** o rapto de João Ataíde. O seu companheiro, considerado um «agente duplo» teria sido activo na montagem da operação. De resto, sabe-se que logo após as notícias do acidente, a **mulher** de Mateus Lopes, que vivia em Lisboa, partiu de regresso a Maputo.

João Ataíde, enquanto embaixador em Lisboa, era um dos favoritos do actual presidente **Joaquim Chissano** (então ministro dos Negócios Estrangeiros), que reconhecia nele qualidades de competência e honestidade. Em privado, Joaquim Chissano comentou sempre num tom de amargura o passo dado por Ataíde quando deixou a embaixada e rompeu com o governo.